

CINEMA E FOTOETNOGRAFIA NA CIDADE DOS CONDENADOS ¹

Texto: Professores Maria de Nazareth Agra Hassen

Luiz Eduardo Robinson Achutti

Fotoetnografia: Luiz Eduardo Robinson Achutti

Universos e fronteiras deste e de "outros mundos"

Há sessenta anos foi criado próximo da cidade de Porto Alegre o **Hospital Colônia de Itapuã** com o objetivo de isolar doentes acometidos pela hanseníase, na maioria pessoas oriundas do meio rural, muitas delas descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.

Devido à falta de conhecimentos e à inexistência de tratamento médico, nos anos 40 restava a crença na necessidade de separar os hansenianos para evitar o contágio, com o que os isolavam do meio social.

Como outras instituições para abrigar leprosos, o hospital-colônia de Itapuã surgiu da parceria entre estado e sociedades beneficentes, no caso a Sociedade Pró-Leprosário Rio-Grandense, criada em Santa Cruz do Sul. É de estranhar num primeiro momento a razão pela qual a Sociedade, constituída em 1924 objetivando marcar o centenário da imigração alemã com uma ação social, tenha demorado tanto até construir o leprosário e o tenha feito numa distância de 200 km de sua sede. O temor que a doença provocava justifica as dificuldades que a Sociedade encontrou para comprar um terreno até que, por fim, com a interferência de um grupo liderado pela mãe do embaixador Oswaldo Aranha, Da. Luiza Aranha, o estado integrou-se ao projeto e adquiriu grande extensão de terras no município de Viamão, em uma ponta onde havia poucos habitantes e uma natureza ainda por ser desbravada, com duas lagoas (a Negra e a grande laguna dos Patos) que tornaria o isolamento mais garantido.

¹ Este texto foi elaborado por ocasião do projeto de um filme etnográfico já em andamento sob direção do professor Jean Arlaud - *Université Paris 7*, com a colaboração dos professores Maria de Nazareth Agra Hassen, Lavinia Schuler Faccini e Luiz Eduardo Achutti. A CIDADE DOS CONDENADOS reafirma uma cooperação franco-brasileira iniciada há seis anos com o *Laboratoire d'Anthropologie Visuelle et Sonore du Monde Contemporain - Paris 7*.

Ali foi erigido o referido hospital, na verdade uma pequena cidade que possuía, além do atendimento hospitalar, cinema, prisão, padaria, produção agrícola, moeda própria, cemitério, visando garantir a autonomia do lugar para que ninguém alegasse necessidade de sair. Mais grave do que isso, os portadores da doença passaram a ser caçados em todo o estado, o que era chamado de "internação compulsória" (só abolida em 1954). A cidade hospital chegou a ter mais de 600 habitantes, muitos deles crianças que foram separadas dos pais assim como pais que só puderam ver seus filhos de longe em visitas mensais ou bimensais.

Com o passar dos anos, a hanseníase e seu tratamento se concretizaram e por conseqüência a configuração do hospital foi se modificando. Do isolamento total, os pacientes foram incentivados a buscar seus lares de origem, e novos pacientes não foram mais aceitos como habitantes para isolamento. Falava-se mesmo sobre o fechamento do Hospital Colônia de Itapuã que, de cidade dos condenados, tornou-se a cidade condenada.

Muitos pacientes que moraram anos na cidade-hospital não conseguiram readaptação ao meio social de origem, ou ainda, em muitos casos, foram rejeitados por suas famílias e amigos. O controle e tratamento da hanseníase foram obtidos, mas não o fim do preconceito: os pacientes estariam para sempre também condenados pela ignorância que ainda reina nas cidades e pequenos lugarejos onde vivem as pessoas saudáveis.

Constatou-se que a cidade dos condenados era a única guarida, um universo à parte, mas um universo possível para seguirem vivendo. Hoje os habitantes da cidade já ultrapassaram os 60 anos de idade. Muitos constituíram família na cidade dos condenados e ainda hoje vivem em paz com suas pensões, nas suas pequenas casas, com carros na garagem e antena parabólica no pátio da frente.

Na Cidade dos Condenados vão sendo enterrados os mais velhos, a população vai diminuindo até que o último dos sessenta excluídos restantes leve consigo todo um imaginário que constitui um pouco da história do que foi o século XX no sul da América do Sul.

Há quinze anos a Secretaria Estadual de Saúde resolveu levar para o Hospital Colônia de Itapuã uma parte dos pacientes possuidores de transtornos mentais, internos do centenário Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre. Atualmente são mais de cem pacientes psiquiátricos que habitam alguns dos pavilhões que anteriormente estavam destinados aos mutilados em estado grave.

Aquele universo de exclusão passou desde então a contar com outra classe de excluídos, os condenados pelos seus próprios delírios e fantasias, por isso impossibilitados de viver em um meio social *normal*.

Ao longo dos anos as duas populações foram convivendo na medida do possível. Articulando seus imaginários, foram driblando os imponderáveis, encontrando formas específicas de sociabilidade. Podemos observá-las nas missas professadas no antigo cinema, agora vazio, palco sem tela em ruínas, cinema no qual a platéia carrega as cadeiras consigo, ou nas festas coletivas de Natal, Páscoa, São João, Carnaval, e uma data muito particular, o dia do combate à hanseníase.

Na Cidade dos Condenados há uma figura ímpar, um professor de educação física que organiza passeios e, em um dos antigos ambulatórios que ficaram abandonados, dirige um ateliê de arte para os portadores de distúrbios mentais, do qual também participam alguns hansenianos. Com sua bicicleta e um trompete, cotidianamente Eduardo Cañedo ² convoca para brincadeiras sobretudo aqueles que vivem encerrados em si mesmos, e como um instrutor de escola maternal transita pelas ruas da cidade, seguido por um exército de seres bizarros, mas que espelham antes de tudo um ar de contentamento. É quando muitos dos hansenianos observam da soleira de suas casas o aceno daqueles que marcham para mais um dia de piquenique e fantasias. No retorno, vão para o ateliê trabalhar com pinturas, recortes e colagens, dando cores "insensatas" a um cotidiano previsível. Há também dias em que Eduardo se transforma em Silvio Santos dos super-excluídos, ocasiões nas quais muitos doentes se

² Recentemente Eduardo foi guindado a um dos cargos de direção do hospital, fato que provavelmente significa o reconhecimento de seu trabalho e dedicação para com a população em questão.

transformam em músicos e cantores desorquestrados, momento em que alguns aparentemente mudos redescobrem a própria voz.

Roteiro a ser forjado no cotidiano para uma abordagem pelo viés da antropologia visual, usando como recursos o cinema e a fotoetnografia para construir uma narrativa que mereça A CIDADE DOS CONDENADOS.³

Visita num dia especial

Parte dos portadores de distúrbios mentais resistiam à idéia de ir até o cemitério quando se fazia necessário – idas que são cada vez mais freqüentes. Eles alegavam que o cemitério era muito feio, triste. Foi quando Eduardo teve a idéia de instalarem provisoriamente o ateliê de arte para dar um colorido, uma forma simbólica de redefinição do espaço prontamente aceita por todos.

Nossa equipe viu-se envolvida por cenas inefáveis!

Imagens



³ Para este filme foram pesquisados os arquivos do hospital, pesquisa que originou o trabalho de DEA defendido em Paris pela aluna Delphine Barrault, orientada por Jean Arlaud e co-orientada por Achutti. Além de várias visitas ao hospital como forma de reconhecimento do campo de trabalho, há todo um detalhamento da região de Itapuã feito pela professora Nazareth em sua tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da Ufrgs em 2005. Até o momento foram feitas duzentos e cinquenta fotografias pelo professor Achutti e duas horas e meia de filmagens pelo professor Arlaud e equipe.



